



voz off: Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Instituto Tomie Ohtake apresentam Somos Muitas!, um projeto patrocinado por Carrefour, Kapitalo, Syn Prop Tech e Unigel.

Renata Araújo: Eu sou Renata Araújo, coordenadora do projeto Somos Muitas! e estou aqui hoje com ela, Regina Rosa. Ela é fundadora da R Godoy Eventos, graduada em relações públicas pela Universidade de São Paulo, ela também é formada em gestão de empreendimentos criativos pelo Senac e administração pública da cultura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Traz sua experiência do corporativo na área de marketing para a área cultural na organização e administração de eventos culturais, sociais e empresariais. Na área de gestão e produção de teatro, cinema, publicidade, artes plásticas, música erudita e popular, dança, formação de plateia e debates sobre arte, educação e filosofia. Atua também em projetos socioculturais de patrimônio imaterial, desenvolvimento comunitário sustentável, diversidade e artesanato como gerador de emprego e renda. Ela, Regina Rosa. Muito obrigada por estar conosco nessa edição Somos Muitas de 2022 e fazendo parte agora do nosso podcast que é aberto ao público, para todo o público que vai acompanhar esses conteúdos, que compartilham histórias inspiradoras de pessoas como você, Regina.

Regina Rosa: Olá, Renata, que coisa boa participar aqui desse projeto Somos Muitas!, fico muito honrada pelo convite. A gente acaba trabalhando, fazendo

com amor o que a gente faz e as pessoas vão conhecendo o nosso trabalho, reconhecendo na gente uma forma de condução que pode ajudar outras pessoas, uma forma de ver, de atuar no mundo que pode ajudar outras pessoas então é muito importante estar aqui. Muito obrigada pelo espaço.

Renata Araújo: Quem é Regina Rosa? Conta para todo mundo quem é essa mulher por trás desses 30 anos de carreira na produção cultural, o que foi que forjou você, que forjou essa mulher que a gente conhece?

Regina Rosa: É uma pergunta bem extensa, a resposta tem que buscar lá dentro. Vou começar pelo que me forjou. Eu venho de uma família nordestina, formada basicamente por mulheres, e por uma longa linhagem de mulheres que foram donas de casa ou empregadas domésticas. Eu fui a primeira da minha família que saiu desse curso, fiz uma vírgula nisso, nessa formação, consegui entrar na universidade e consegui trilhar um outro caminho. Mas eu honro e fico muito feliz de fazer parte dessa família de mulheres muito fortes que compreendem o valor do trabalho, o valor do carinho, da atenção, do cuidado. Eu aprendi com elas esse cuidado, esse carinho e eu levo para a minha vida profissional. O que me forjou foi a convivência com essas mulheres que são importantíssimas na minha vida, minha mãe, minhas tias, minhas primas de primeiro grau. As filhas das minhas primas já também estão fora dessa curva também, já estão trilhando outros caminhos. Então é muito importante fazer parte e a gente saber da onde a gente vem e saber para onde a gente vai. Mas essa mulher que esse ano completou 30 anos de produção, é

uma mulher que sonha desde os 6 anos de idade quando eu disse para minha mãe que eu não queria ser empregada doméstica, que eu queria trabalhar com gente, em um escritório, atendendo muitas pessoas e conversando com as pessoas. Todos os trabalhos que eu tive dos 16 anos que eu comecei a trabalhar até hoje, todas as empresas que eu trabalhei, cada uma eu tirei alguma coisa para o meu dia a dia, para utilizar nessa minha formação na área de gestão cultural. Então assim, eu atendia balcão em uma escola, em uma universidade, eu atendia o balcão, era da secretaria, aprendi a organizar, aprendi a trabalhar com as diferentes pessoas, trabalhei em um escritório de contabilidade, então aprendi um pouco da contabilidade, como se faz a contabilidade, fui secretária executiva durante alguns anos em uma multinacional, depois passei para a área de marketing, todas essas formações que estão dentro de mim me ajudam hoje na minha empresa, nos projetos que eu quero levar a frente. Então toda a organização, toda a parte de contabilidade, toda a parte social, tudo isso eu trouxe para dentro desses 30 anos. Eu abri minha empresa em 2004, trabalhei até um tempo, tenho 10 anos de trabalho registrado e o restante eu trabalhei enveredando por esses caminhos da cultura. Toda essa estrutura que hoje a gente tem eu comecei lá atrás buscando conhecimento, buscando parcerias para poder realizar o meu sonho que era trazer a cultura e a arte para um público muito maior, essa era a minha ideia, sempre como eu posso usar meu trabalho para atingir as pessoas. Respondendo a tua pergunta, eu sou uma pessoa, quem é a Regina por trás desta Regina de 30 anos, é uma sonhadora que não se cansa de aprender e que

quer compartilhar e que quer somar sempre e trazendo a cultura, arte, como centro da minha vida.

Renata Araújo: Conta para a gente por que cultura e arte? Como você chegou a esse caminho passando por tantos outros que você acabou de contar para a gente, como é que foi chegar nisso, você era artista, você é artista?

Regina Rosa: Eu acho que todo produtor é artista, mas eu tenho um irmão que é músico e eu sempre gostei muito de cantar, fiz aula de canto, fiz teatro, então eu tenho uma formação um pouco aberta assim, teatro além das aulas de canto, fiz mímica, várias coisas que usei para conduzir a minha vida para buscar sempre um olhar mais afetivo e mais aberto para o mundo. Eu até os 25 anos eu pouco ia ao teatro, eu não tive na minha formação teatro, música. Eu gostava muito de música, meu irmão só gostava de música brasileira, então eu ouvia muita música brasileira, mas eu não ia ao teatro, não ia ao cinema, eu não tinha essa vivência dentro da minha família. Eu conheci um grande amigo que chama Tarcísio e ele me levou para ver teatro, para ver cinema, ele me levou para vários lugares, ele me abriu o mundo também para as artes. Depois eu entrei em um grupo de teatro, como um apoio, como uma secretária, e aí fui enveredando por esse caminho. Depois disso eu queria estudar, queria me formar em relações públicas, queria me formar em uma boa Universidade e optei por entrar na USP, aí eu deixei o meu trabalho e fiquei solta na vida, sem trabalho, só estudando, mas eu não tinha essa condição, eu precisava trabalhar. Em 89 fui uma das pesquisadoras da campanha eleitoral de 1989 e

nesse trajeto encontrei uma amiga que se tornou uma grande amiga e ela me falou: “olha, o coral da PUC estava precisando de uma produtora” não falava produtora antes, era uma secretária, falei ok. Fui lá, era meio período, eu trabalhava como secretária dentro do coral, mas eu vivia dentro do teatro da universidade católica, da PUC, então aquele ambiente cultural, eu chamo que tem um bichinho da cultura que pica a gente e a gente esquece o resto do mundo. E aí eu entrei nesse universo cultural através do Tuca, coral do Tuca, que era ligada à Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. E a partir daí eu não parei mais. Isso estou falando 1991 e eu fiquei até 1993 trabalhando para o coral, fiz vários projetos cênicos ali, aprendi o que era produção ali, produção até então para mim era uma outra coisa industrial, entrar um material e uma matéria prima e sair um produto. E daí eu fui entendendo o que é produção e fui buscando ajuda. Naquela época, 1991, a gente não tinha recursos de produção, então você se oferecia para trabalhar com grandes produtoras e você ia aprendendo. Esse também foi o meu aprendizado, eu disponibilizei o meu tempo e as minhas habilidades, porque eu sempre fui uma pessoa organizada, eu era rápida para pegar informações, eu usei tudo aquilo que eu tinha, era uma secretária, então usava a organização que era necessária, sabia mexer com computador, a gente já tinha computador em 91, eu tinha um equipamento em casa. Então eu comecei a produzir, comecei a fazer produções ou essas profissionais que eu tive três ou quatro grandes profissionais que me auxiliaram e que me permitiram acompanhar o trabalho delas em grandes produções. E aí eu fui me desenvolvendo e fui crescendo dentro da área. Então

eu digo que hoje, na produção cultural eu uni todo o meu conhecimento, então eu me senti a criança de 7 anos que sonhou em trabalhar com uma coisa, que gostava de arte, que queria trabalhar com pessoas. Ela se formou em uma universidade em relações públicas, e apesar de não exercer oficialmente o trabalho de relações públicas, eu não tenho um registro em carteira de relações públicas, eu tenho toda a formação de relações públicas, todos os conceitos de relações públicas. Eu aplico diariamente no meu trabalho. A cultura ela me organizou, eu acho que eu fui sonhando aos poucos e cheguei aqui por esse motivo, a cultura eu olhei como um caminho que unia uma coisa que eu gosto, que é música, que é a arte em geral que eu gosto e uniu uma coisa se trabalhar com isso, ter nisso o meu sustento. Esta é minha profissão. Então hoje eu sou uma produtora cultural, eu sou uma gestora cultural e que trabalha com grande afinho e grande afeto.

Renata Araújo: Regina, o que você pode apontar para a gente como os principais desafios da sua carreira ao longo de 30 anos?

Regina Rosa: Grandes desafios, eu comecei a trabalhar com a área cultural em 91, a Lei Rouanet é de 91, eu comecei em abril, ela começou depois. Eu enfrentei os desafios de uma lei de incentivo, de entender, enfrentei os desafios de governos. Todos os governos acabam mexendo de uma forma ou de outra com essa lei. Enfrentei os desafios pessoais, porque dentro da própria Universidade de São Paulo eu era a única mulher negra, para quem não me conhece eu sou uma mulher negra, sou uma mulher acima do peso, então sou

uma mulher exuberante, eu sou gay. Todas essas questões também implicaram no meu trabalho, tiveram alguma correlação no meu trabalho. Mas mais do que isso, eu tive que enfrentar as minhas questões internas. Tem um ditado budista que diz que são os bichinhos internos que a gente tem que mais lutar. Eu venho de uma família pobre, venho de uma família sem direcionamento para a área cultural. Eu tive que construir em mim esse amor pela cultura também, eu tive que construir esse olhar para a cultura, esse é um grande desafio. Eu tive que vencer os meus medos de vencer, de estar à frente e tive que entender o meu papel dentro da sociedade, entender o papel social da arte e da cultura na nossa sociedade, tive que entender tudo isso, e mexendo com o meu interior. Mudando a minha forma de pensar, a minha forma de falar e a minha forma de agir no mundo. Eu vivi esses 30 anos altos e baixos, mas sempre na esperança e com a esperança de que as coisas sempre vão dar certo, porque os desafios são grandes, eles estão aí, mas eu encaro os desafios como uma forma de crescer, eu olho para eles como uma forma de crescimento, como uma forma de me entusiasmar, eu acho que quando um desafio é muito grande, é ali que eu tenho que estar. Não posso fugir daquilo, é ali que eu tenho que estar e quando eu vencer tudo aquilo, eu vou subir um degrau dentro de mim mesma, da minha aceitação comigo. E tem uma coisa, por ter essa formação, ser forjada por mulheres que sempre estiveram nos bastidores, eu sempre tive essa questão de estar nos bastidores, de estar preparada para tudo, estar nos bastidores. E agora quando eu completo 30 anos de carreira, eu tenho um projeto grande que é o “Movimento Armorial 50

anos” e essa exposição ela me expôs e eu tive que falar, tive que aprender a me colocar na frente, tive que dar a cara mesmo para o projeto. Então são todos os desafios todos os dias, quando a gente sonha, a gente não chega ali e acaba, todos os dias a vida nos traz desafios e é como a gente encara eles que eu acho que é importante. E eu encaro os meus desafios como forma de transformação, como forma de crescimento, é isso assim.

Renata Araújo: Fica até fácil ter desafio assim, encarando dessa forma toda, Regina. Quando a gente fala que você é inspiradora é por isso, você transforma até problema em coisa boa.

Regina Rosa: Eu tenho um lema que é o seguinte, o problema está no começo e no meio, o fim dá sempre certo. Então, com esse lema, para mim nada dá errado, vai acontecer alguma coisa. Assim a gente ser uma auto inspiração.

Renata Araújo: Agora falando então já dos finais, quais são os finais que deram certo, as suas principais conquistas, Regina? O que você define como conquista, não só profissional, a gente também quer as pessoais também nesse sentido. Porque não é só trabalho, a gente está aqui nessa formação falando sobre produção cultural, mas a vida faz parte de quem a gente é e do que a gente está representando.

Regina Rosa: Eu falo de alguns finais muito importantes, eu conquistei o meu respeito próprio, eu consegui entender o meu trabalho, consegui entender o meu lugar no mundo, eu sou uma pessoa que faz, eu sou uma pessoa que faz acontecer, eu sou uma pessoa que cria pontes. Esse entendimento para mim é

Importantíssimo, isso no campo pessoal. Eu conquistei também, eu mudei de cidade, hoje eu moro em Florianópolis que é uma conquista também, eu tenho desenvolvido aqui outros projetos, tenho desenvolvido a questão comunitária, o desenvolvimento comunitário sustentável que para mim também é uma bandeira e uma questão muito forte, conquistei amigos aqui, tenho um trabalho aqui também e cada dia eu vou conquistando mais coisas. Então hoje eu estou com um projeto grande que é um projeto que eu idealizei, eu compartilhei, eu gestacionei esse projeto, estou gestando ainda e faço a Rio de Janeiro, a curadora da exposição e os cenógrafos são de São Paulo e eu tenho uma equipe em Recife. Na época, no começo tinha uma equipe em Recife e uma equipe em Brasília. Nós todos nos encontrávamos no virtual e toda ela foi construída a partir disso. Então como que eu tive essa ideia? Aí é a coisa que eu falo sempre do sonho. Eu em 2019 estava fazendo um projeto de teatro no Paraná, em Curitiba e eu fui assistir um show de um dos integrantes do espetáculo que era de música armorial, mas que coisa é essa? Não conheço música armorial, vou lá conhecer. Conheci, me encantei, e aí fui buscar o que era música armorial, é isso, a gente gosta de uma coisa enquanto produtores, a gente vai assistir um filme, tem um insight, tem uma coisa e aí a nossa cabeça está sempre trabalhando. Aí vejo, falei: “bom, vou ver o que é”, eles me deram um CD do Guerra Peixe que é um compositor que eu gosto muito e eles me falaram do armorial que Guerra Peixe também fazia música armorial, eu fiquei: “gente, vou descobrir o que é isso”. Fui e comecei a pesquisar, descobri que música armorial tinha a ver com o Movimento Armorial e que em 2021 ele

estava fazendo 50 anos. Esse movimento que era capitaneado pelo Ariano Suassuna. Falei: “gente, é um super momento para dar...” e aí o movimento armorial, na realidade Ariano capitaneou esse momento, porque tinham muitos artistas plásticos, música, cinema, enfim, toda uma gama de artistas e artistas populares, xilogravuras e tal. Então ele colocou essas pessoas todas dentro deste movimento e criou esse movimento que deu visibilidade para esses artistas e para essa arte da cultura popular. Olhei, falei: “bom, vai fazer 50 anos”, pesquisando eu vi que vai fazer 50 anos. Busquei saber quem vai fazer um evento para a gente não fazer nada coincidindo, empreender uma ação assim e já ter eventos. E aí eu busquei a família, eu não sou pernambucana, não tenho ninguém lá em Pernambuco. Busquei a família e perguntei: “você vão fazer alguma coisa?” “a princípio não vamos fazer nada, é pandemia”. E aí eu comecei a pensar e comecei a falar com pessoas. Isso é importante, a gente tem uma ideia, mas a gente não está sozinho, como é bom a gente discutir com outras pessoas, conversar e trazer um outro ponto de vista. E aí eu convidei a curadora que achou a ideia maravilhosa, convidei essa produtora do Rio de Janeiro para trabalhar também que é uma pessoa maravilhosa, vinha desenvolvendo alguns projetos comigo durante a pandemia e aí montamos, apresentamos para o centro cultural Banco do Brasil e ali a exposição começou. Claro, com todos os perrengues, você sonha, você conquista, coloca na lei de incentivo, você faz a coisa acontecer. Aí não estava sendo aprovado na lei de incentivo. Então vamos lá, como é que a gente vai fazer? E enfim, a gente estreou a exposição dia 21 de dezembro de 2021, porque era contratual, eu

tinha que estreiar nesse período. E ela foi até 7 de março em BH, no Centro Cultural Banco do Brasil em Belo Horizonte, o patrocinador foi a BB Seguros e a gente continuou, depois a gente foi em março para o Rio de Janeiro, fizemos lá, encontramos toda a gama, a gente tem em BH a cultura popular também é muito forte, a gente teve ali 40 mil pessoas visitando, depois a gente foi no Rio de Janeiro, nós tivemos 90 mil pessoas. Recentemente terminamos São Paulo e aí tivemos também um público muito grande, ainda não tenho o número final, e agora caminhamos para Brasília. Então toda essa trajetória a gente fez o caminho inverso dos nordestinos, a gente saiu do nordeste, essas obras, são 140 obras, tem obras que nunca tinham saído do Recife e elas saíram de lá e foram ao encontro, a gente fez um caminho, fez o mesmo caminho que os nordestinos fizeram em busca de um sonho de uma vida melhor. Então a gente foi para Belo Horizonte, que ali tem uma cultura popular muito forte e que tem uma forte ligação com a Bahia, que ali fica perto com o nordeste, depois a gente foi para Rio de Janeiro onde muitos nordestinos também moram, residem, trabalham e foram buscar a sua vida e depois para São Paulo que é um grande centro nordestino fora do nordeste. E agora a gente está indo para Brasília, que foi construída pelos nordestinos, então a gente está levando este sonho que é da cultura popular ter visibilidade para os artistas populares, visibilidade para a cultura popular. A cultura popular está dentro de um centro que tem uma tradição mais formal, acho que são centros culturais Banco do Brasil que abrigam posições de variados tamanhos, e em São Paulo, por exemplo, a gente ocupou todo o centro cultural Banco do Brasil. Aí nordestinos

estiveram visitando essas exposições, então para a gente é muito importante. A gente impactou pelo menos aí entre Rio e Belo Horizonte 120 mil pessoas com a cultura popular. A nossa itinerância agora vai para Brasília, no Centro Cultural Banco do Brasil de Brasília, dia 17 de outubro. Quem estiver em Brasília esteja convidado, estaremos lá, ficamos até 15 de janeiro e depois tem uma extensão que a gente vai devolver essas obras, a gente vai para a Paraíba e Pernambuco em 2023. E depois eu quero ir para a França, é outro sonho. Eu sonhei com a Exposição Armorial, ela está nos 4. Ela começou no CCDB, depois ela foi para os outros 3, agora a gente sonhou mais um pouco e conseguiu e foi para mais duas cidades, a gente vai para Recife e João Pessoa e depois a gente quer ir para um país.

Renata Araújo: É sobre isso. Como diria a Verinha Nunes Santana: “sonhar, planejar, executar, celebrar e descansar.” Então agora está aí na fase de sonhar de novo, agora o próximo passo.

Regina Rosa: Exatamente, estamos sonhando os próximos passos e em breve teremos notícias de um documentário sobre essa trajetória da exposição também que já foi apresentado para uma grande rede de streaming e aí outras coisas também que vão surgir.

Renata Araújo: Vamos ficar acompanhando, todo mundo que está ouvindo o podcast, vamos ficar pesquisando aí a mostra “Movimento Armorial” por onde ela passar. Mais do que passar, ela vai ficar, vai ser eternizada, pelo que eu estou sentindo. Sabe por que ela vai ser eternizada? Porque você deixa um

legado, Regina, quais legados você está deixando além dessa do armorial para a gente?

Regina Rosa: Eu acho que a gente pode ocupar todos os espaços que a gente queira. Eu conquistei todos os espaços que eu queria. É uma batalha? É, mas é uma grande vitória, eu adoro sorrir quando eu tenho uma grande vitória, adoro gargalhar quando tenho uma grande vitória, e principalmente contra os preconceitos. A luta contra os preconceitos começa dentro da gente, então a gente vai criando as nossas ferramentas para também não poluir a nossa mente com tanta coisa que acontece, tanta coisa externa. Meu legado, não sei se é um legado, mas assim, eu com o meu trabalho posso mostrar para mim e para outras pessoas que me conhecem que nós mulheres temos força e coragem para seguir e fazer as coisas acontecerem. Então assim, eu hoje sei que estou deixando um legado no movimento armorial que ele nunca teve, a cultura popular nunca teve tanta evidência dentro desse momento social e político que a gente vive, ela não teve tanta visibilidade, ela está em um momento de grande visibilidade e por isso artistas, outras pessoas também estão entendendo, começando a estudar mais ainda o movimento armorial. O movimento armorial é um legado, essa visibilidade, com certeza é um legado que eu vou deixar para a arte e cultura popular. E a minha trajetória também, porque por exemplo, eu vejo você, Renata, que é nova, eu vejo a Vera também que é uma pessoa nova e que vê em mim uma liderança que nem eu via, que eu nunca vi, não me sinto uma líder, não me sentia e não me sinto uma líder. Eu sei que eu sou uma pessoa que trabalha com afinco, com amor, com

carinho, com acolhimento, com abraço. E eu sei que não é sempre assim, então eu sei que o meu trabalho faz uma diferença na vida das pessoas, das pessoas com as quais eu convivo. Então isso para mim é um legado e quando vocês me olham e dizem isso, eu passo a me entender muito melhor e reforça qual é o meu papel na vida, porque eu estou viva, porque eu existo, é porque eu tenho um papel, eu tenho uma missão. E é isso, eu sinto assim.

Renata Araújo: É liderança, Regina, é quase um dom, é inerente da pessoa. Não é que você não reconhecia essa liderança, você é uma líder nata. O líder ele indica caminho, o líder é exemplo, e você vai lá trilhando, abrindo caminhos, toda a sua trajetória, sempre ela abriu caminhos para as meninas periféricas, para a área cultural, pessoas que vem de diversas áreas, porque é isso, não é todo mundo que tem acesso, que cresce indo a espetáculos de teatro, que cresce com bons livros em casa, tem muita gente que é isso, a gente tem que traçar, tem que gostar, tem que chegar, chegou na gente. Esse seu amigo que te levou, que te abriu olhos para lugares que você não olhava antes, ele talvez tenha sido seu líder nesse momento, mas você é sim uma liderança por essas e muitas outras razões que não dá para a gente ficar falando aqui em um podcast, mas que eu quero saber agora por essa e por outras, eu sempre gosto de encerrar o podcast com uma pergunta. O ano passado nosso podcast foi fechado, ele era só para as participantes, a gente fez praticamente uma conversa parecida com essa que a gente está fazendo com a Regina, com as nossas orientadoras do ano passado. E eu encerrava sempre

perguntando assim: somos muitas, e quem são essas muitas que te influenciaram?

Regina Rosa: Eu fico com receio de falar de uma e de outra e esquecer alguém, mas eu falo da minha mãe e falo das minhas tias e falo das minhas primas porque elas são inspiradoras para mim. Tem escritoras, tem atrizes, tem jornalistas, tem mulheres que me inspiram a pensar fora da caixinha, que me inspiram a olhar o mundo sob outra ótica, de me posicionar no mundo como uma mulher negra. Eu vou dizer para vocês que minha mãe alisava meu cabelo desde os 6 anos de idade, passava aquelas pastas que queimava todo meu coró cabeludo. Eu até os 30 achava que aquilo era o normal, alisar o cabelo. E aí eu fui para a Bahia e entendi que eu sou essa pessoa e comecei pelo cabelo, nunca mais alisar e tal. Então são tantas as pessoas que fazem parte desse meu caminho e Somos Muitas! é um espaço de confraternização, de compartilhamento, de afeto e de entendimento do que nós somos, do que nós queremos, aonde nós vamos. Então por exemplo, eu vou falar aqui da Verinha que é uma pessoa que me fez olhar com um outro olhar a vida e a produção cultural. A Renata tem me acompanhado e que me fala todas as vezes: “olha, eu aprendi com você isso, aprendi com você aquilo”, eu falo: “gente, mas eu não ensinei, não parei para ensinar” “não, você vai no seu caminho e a gente vai junto aprendendo”.

Renata Araújo: Agora para a gente finalizar mesmo, mas finalizar assim bonito, o que você deixa, em que você daria de dica para quem está te ouvindo? Pode

ser uma dica sobre produção, pode ser uma dica de livro, de algo por exemplo, o show que você foi assistir que te impactou, ele impactou e dele surgiu uma mostra, surgiu uma exposição com várias ações. E foi a dica de alguém. Então o que você daria de dica hoje que é transformadora, que pode transformar a vida de alguém hoje?

Regina Rosa: Uma dica profissional eu digo para sempre olhar o que você está fazendo, se você quer saber como vai ser o seu futuro, olha o seu presente, se você quer saber como foi o seu passado, olha o presente. Então o presente é o momento em que a gente vai transformando o futuro. Então é uma dica, a gente olhar sempre o presente, trilhando a sua trajetória para o futuro, pensando sempre no futuro e agindo no presente. Outra coisa, tem um livro que eu não vou me lembrar agora o nome da escritora, mas foi um livro que mudou a minha vida que eu entendi o que é ser negra no país, chama Um Defeito de Cor, que é um livro maravilhoso, um livro de 400 e poucas páginas, que vale a pena ler porque mostra a trajetória de uma mulher que veio escravizada da África e a trajetória dela até ela voltar para lá, já de idade, todo o processo que ela passou, então tem uma parte que é histórica. O que tem de interessante é que é a história do Brasil a partir do olhar feminino de uma mulher negra. Então acho que é maravilhoso, chama-se Um Defeito de Cor.

Renata Araújo: Livro da Ana Maria Gonçalves.

Regina Rosa: É maravilhoso, um livro que eu sempre indico porque te dá um universo totalmente diferente do que a gente imaginava, é a partir de uma

visão feminina e escrava e negra. Enfim, acho que uma outra dica é sempre dê valor a cada coisa que você está fazendo, porque isso vai te levar a algum lugar. É uma pedrinha que você soma ali, uma ação que vai somar para que você tenha outras ações no seu presente e no seu futuro. Eu acho que é isso, a gente sempre sonhar, sonhar. Uma dica que eu dou é escrevam os sonhos, e de vez em quando olhem para ele para vocês continuarem no caminho, é um planejamento isso, para você alcançar o que você tem que fazer, vai unindo essas histórias todas e construindo aquilo que você quer. O caminho não é fácil, nem sempre é fácil, mas ele é muito prazeroso.

Renata Araújo: Eu adorei. É prazeroso demais conversar com você, Regina. Isso que é prazeroso. Muito obrigada pela sua participação, pela sua disponibilidade, pela sua entrega, não só nesse episódio de podcast, mas pela sua entrega na vida, pela pessoa que você é, por essa afetividade que transborda em cada palavra. Dá vontade de ficar conversando o tempo inteiro e pela profissional que você é e por esse legado que você tem deixado para a gente, por essa inspiração, por essa liderança silenciosa e potente que lidera grandes e grandes transformações sociais. Muito obrigada, a gente fica por aqui, espero vocês no próximo episódio do Somos Muitas 2022.

voz off: Ministério do Turismo, Secretaria Especial da Cultura e Instituto Tomie Ohtake apresentaram Somos Muitas!, um projeto patrocinado por Carrefour, Kapitalo, Syn Prop Tech e Unigel.